

Proposta Pedagógica

Brasil Alfabetizado em movimento

Maria Luiza Pereira Angelim¹

Sinopse:

A série *Brasil Alfabetizado em movimento*, que será apresentada no programa Salto para o Futuro/TV Escola, de 13 a 17 de setembro, reconhece, na ação alfabetizadora em movimento, jovens e adultos como sujeitos da transformação da nossa sociedade brasileira, recriando nossas raízes culturais, geradas nas tradições milenares dos povos-nações indígenas, dos portugueses e dos afro-brasileiros que, aqui e agora, constituem valioso patrimônio humano do “saber de experiência feito” nas suas estratégias de sobrevivência nos trópicos. Assume a ação alfabetizadora de jovens e adultos como iniciação de estudos em EJA, no sentido da afirmação da identidade brasileira na biodiversidade e diversidade cultural planetária, em resposta à exigência de nossa autodeterminação como povo e de nossa soberania nacional.

Apresentação

Para marcar o *Brasil Alfabetizado em movimento*, faz-se atual a contribuição do geógrafo brasileiro Milton Santos, quando afirmou que a “tensão entre o universal e o internacional se encontra na raiz de nossa necessidade em legitimar a cultura brasileira”. Explicitando, dizia ele:

“A questão central que nos ocorre, sobre a nossa interpretação de nós próprios, nesses chamados 500 anos de Brasil, é a seguinte: é possível opor uma história do Brasil a uma história européia do Brasil, um pensamento brasileiro em lugar de um pensamento europeu ou norte-americano do Brasil, ainda que conduzido aqui por bravos ‘brazilianists’ brasileiros? Não se trata de inventar de novo a roda, mas de dizer como a fazemos funcionar em nosso canto do mundo; reconhecê-lo será um enriquecimento para o mundo da roda e um passo a mais no conhecimento de nós mesmos. Ser internacional não é ser universal e para ser universal não é necessário situar-se nos centros do mundo. Inclusive pode-se ser universal ficando confinado à sua própria língua, isto é, sem ser traduzido. Não se trata de dar as costas à realidade do mundo, mas de pensá-la a partir do que somos, enriquecendo-a universalmente com as nossas idéias, e aceitando ser, desse modo, submetidos a uma crítica universalista e não propriamente européia ou norte-americana” (Santos, 1999).

É a partir deste ponto de vista que se coloca a afirmação da nossa *cultura brasileira* no próprio modo singular de alfabetizar PESSOAS jovens, adultas e idosas, que na diversidade convivem, hoje, no mundo não só letrado, mas multimídia e virtual, marcado fortemente pela imagem. Trata-se de um modo de alfabetizar PESSOAS jovens, adultas e idosas, preservando nossas RAÍZES culturais geradas nas tradições milenares dos povos-nações indígenas, portugueses, africanos que, aqui e agora, constituem valioso patrimônio humano do saber de experiência feito nas suas estratégias de sobrevivência nos trópicos, conservado até hoje, em grande parte, na oralidade

intergeracional ou registrado em áudio e audiovisual por terceiros. Trata-se, sobretudo, do conhecimento de nossa riquíssima e cobiçada biodiversidade e do nosso exercício humano da transcendência, neste chão planetário. Trata-se, enfim, de escutar, ver, tocar, sentir, dialogar, *re-ler*, *re-escrever* e *re-criar* a história brasileira em cada lugar, em particular, dos indígenas, dos herdeiros do culto do Divino Espírito Santo dos portugueses de Abrantes (Silva, 1966), dos quilombolas e afro-brasileiros, com a significativa e imprescindível contribuição de PESSOAS jovens, adultas e idosas alfabetizandas, *reconhecidas* como SUJEITOS de transformação da nossa sociedade brasileira atual.

Para isto contribuem alguns pressupostos:

- a) A compreensão do sistema educacional público com gestão democrática como parte estruturante estratégica da sociedade brasileira orientada para o desenvolvimento humano, implicando o desenvolvimento sustentável, na sua autodeterminação como povo e na soberania nacional;
- b) O reconhecimento da emergência de novos e ancestrais paradigmas sobre as visões de mundo e de ciência, apoiados na revolução científica, em particular, no campo da física e da biologia, afirmando a subjetividade singular e o compromisso ético, a complementaridade entre diferentes formas de conhecimento e o exercício transdisciplinar na busca da unidade na totalidade do conhecimento humano (UNESCO – Declaração de Veneza, 1986. In: D’Ambrosio, 1994);
- c) A superação da sociedade da informação, da sociedade do conhecimento pela sociedade educativa (conceito inspirador do art. 1º da LDB n. 9.394/96), desafiando-se na construção da era da consciência (D’Ambrosio, 1997) e da inteligência coletiva/cosmopédia, neste período noolítico da história humana (Lévy, 1998);
- d) A compreensão da educação como um processo ao longo da vida, superando a dicotomia de educação inicial e continuada, conforme a definição proposta para a educação no século XXI com seus quatro pilares: aprender a conhecer, a fazer, a viver juntos ou com os outros, a ser (UNESCO – Delors, 1996).

Tais pressupostos permitem indicar, como base referencial, o ser aprendiz orgânico cósmico (Angelim, 2001), ou seja, uma espécie humana-sujeito, naturalmente aprendiz, no exercício de interação com o outro ou os outros no ambiente permanente de ligação cósmica (Swimme, 1991). Em outras palavras, uma espécie capaz de exercer sua autonomia de aprendizagem da *Vida* (autoconsciência), como cidadão (hábitat) e como trabalhador culturalmente identificado em sociedade, como constituinte do equilíbrio harmônico da natureza-vida.

Nesta compreensão, implica-se o conceito de autonomia do sujeito aprendiz nos diferentes ciclos vitais (Pearce, 2002) – neste caso, jovem, adulto e idoso, considerando como complementares à educação libertadora/pedagogia da autonomia (Freire, 1997), a auto-hetero-ecoformação (Pineau, 1998) e o processo de individuação (Jung, 1980). Sabemos que o fenômeno do “analfabetismo” de PESSOAS jovens, adultas e idosas tem origem histórico-estrutural no desenvolvimento da sociedade brasileira e, como tal, é parte constituinte da síntese de dificuldades de sobrevivência, ou seja, a quase ausência de atendimento às necessidades básicas para o desenvolvimento da espécie humana como ser aprendiz orgânico cósmico – impulso criativo da VIDA por si mesma (Goswami, 2000).

Vejam a referida síntese, no dizer, aqui transcrito, da alfabetizanda Brasilina (1985), aos 50 anos, moradora de Ceilândia/Distrito Federal:

“A escola *tá* lá, acho bom demais! Meu filho também *tá* fazendo força pra *aprendê*; diz ele que vai pelejando este ano até o fim. Acho bom!

É triste, a gente não *sabê* nem conversá, a gente não tem saída com as pessoas que têm a leitura, a gente fica *incuída*, não tem aquela sensação, sei lá (riso), a gente fica com vergonha! A gente tendo uma explicação, tendo estudo, a gente já conversa sem medo, sem vergonha, é bom!

Ouvia falar nessa Brasília, pensava que era o fim do mundo. Aí, falava pra vim pra cá. Aí, Juraci (filho) ficou doido pra *vim*. Ai, Jeová (filho) falou: eu não vou *tocá* mais esta roça não, estou quase morrendo aqui, eu vou pra lá, vou pra Brasília, também. O pai dele foi desgostando: eu já *tou véio*, não vou *tocá* a roça, sua mãe *tá* cansada, então eu vou pra Brasília também, vou *pô* meus *fio* na escola pra *vê* se não fica burro igual eu. Aí, *nóis vendeu* fazenda, *nóis vendeu* tudo, a gente tinha um gadão, fazendona, de tudo, de tudo confortado, tinha uma faturona, mas *cabou* tudo. O restinho que tinha enterrou aí, no chão, que foi pedra, terra.

Agora, *trabaiando* pra *vê* se constrói ao *meno* a casa pra *morá*, porque o barraco *tá* pra *caí*” (Coutinho, 1986).

Em relação a essa situação exposta por Brasilina, que é semelhante à de tantos outros milhões de brasileiros e brasileiras, encontra-se em Paulo Freire esta compreensão: “a alfabetização, numa área de miséria, só ganha sentido na dimensão humana se, com ela, se realiza uma espécie de psicanálise histórico-político-social de que vá resultando a extorção da culpa indevida. A isto corresponde a ‘expulsão’ do opressor de ‘dentro’ do oprimido, enquanto sombra invasora. Sombra que, expulsa pelo oprimido, precisa de ser substituída por sua autonomia e sua responsabilidade”. E, mais adiante, “experimentando com intensidade a dialética entre a leitura do mundo e a leitura da palavra” (Freire, 1997).

O processo de alfabetização de jovens, adultos e idosos deve estar a serviço da CRIATIVIDADE das PESSOAS com linguagens de afirmação da *identidade cultural brasileira* na própria busca organizada coletivamente de solução dos problemas rumo a uma nova sociedade, exercitando princípios político-pedagógicos tão bem propostos como “Pedagogia do Oprimido”, desde 1968, pelo educador Paulo Freire (1987):

“Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho, os homens se libertam em comunhão” (p. 52).

“Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (p. 68).

“A educação autêntica, repitamos, não se faz de A para B ou de A sobre B, mas de A com B, mediatizados pelo mundo” (p. 84).

O “círculo de cultura” como encontro presencial de sujeitos de saberes com suas histórias de vida e do lugar, tal como proposto por Paulo Freire, desde 1963, ainda é o espaço de aprendizagem mais apropriado para o exercício de iniciação da dialogicidade entre diferentes, politicamente comprometida com a mudança coletivamente construída pela sociedade organizada. A interatividade político-pedagógica do “círculo de cultura” de alfabetização

de PESSOAS jovens, adultas e idosas resulta, para além da aquisição da leitura, da escrita e do cálculo, na construção de sentido, de autonomia, de libertação, de “escuta sensível” (Barbier, 1998), de convicção e prazer da construção coletiva. A interatividade ocorrente no “círculo de cultura” supõe a intervenção diretiva no processo de auto-organização de cada grupo, formando uma rede tecida na identidade cultural brasileira e no propósito de transformação da sociedade atual, na qual se constrói, progressivamente, um novo jeito de conhecer, aprender e buscar a solução de problemas em conjunto – uma escola pública popular libertadora.

Nesta escola, onde a natureza-vida será respeitada em toda a sua harmonia e beleza, as tecnologias de informação e comunicação deverão estar a serviço da produção de textos, falas, sons e imagens dos círculos de cultura, podendo constituir uma grande rede, intensamente interativa, de informação e comunicação com programas de incentivo às artes literárias, plásticas e cênicas, à música, à dança, e à educação física como consciência corporal/toque sutil (Farah, 1995), tendo como apoio bibliotecas públicas, cooperativas de produção gráfica, jornais comunitários, correio postal escolar (tarifa reduzida), postos públicos de consulta à internet, rádio-escolas públicas, rádios comunitárias, cooperativa de produção de vídeo, rede pública de TV com programas regionais interativos, oficinas de produção de software livre e páginas Web, centros públicos de acesso à internet e outras possibilidades.

Nesta escola pública popular libertadora, a participação criativa das PESSOAS jovens, adultas e idosas alfabetizadas será a garantia de mobilização da sociedade pela política pública de Educação de Jovens e Adultos-EJA. Desafiada pelas tecnologias de informação e comunicação, a EJA poderá constituir-se como Comunidade de Trabalho/Aprendizagem em rede-CTAR (Grupo CTAR, 2004), qualificando cada vez mais a singularidade do encontro de PESSOAS – presencial nos “círculos de cultura” – e mediado pela multimídia, no sentido da afirmação da identidade brasileira na biodiversidade e diversidade cultural planetária, em resposta à exigência de nossa autodeterminação como povo e de nossa soberania nacional.

Ementas dos programas

PGM 1 Novos desafios na alfabetização de pessoas jovens, adultas e idosas

A diversidade cultural étnico-racial perpassa o Brasil Alfabetizado que estamos construindo, desafiando-nos a assimilar, eticamente, as contribuições das ciências e o uso apropriado das tecnologias, em particular da informação e da comunicação, manifestando e afirmando nossa identidade tropical pelas artes. Neste sentido, o singular se faz presente numa realidade complexa, mosaica e harmônica, por vezes paradoxal. A convivência da alfabetização com nossa preciosa cultura oral reafirma o som e o silêncio, as cores, os movimentos na dança/gestos/toques físicos e sutis como expressões humanizadoras. A presença da imagem como manifestação do pensamento-forma, enquanto alimento consciente do espírito. As singularidades presentes na ação alfabetizadora de pessoas jovens, adultas e idosas, na educação básica dos indígenas, dos afro-brasileiros e quilombolas, das mulheres, dos homossexuais (homoafetivos), dos jovens em situação de risco, das pessoas com necessidades educativas especiais – PNEE, dos presidiários, dos egressos, das pessoas portadoras de doenças crônicas e infecto-contagiosas e outros grupos humanos.

VER, EXPRESSAR, COMUNICAR e TRANSFORMAR no lugar para trocar, tecendo a rede.

PGM 2 Alfabetização e Vida

O povo gera conhecimento para *sobreVIVER* e *TRANScender* e, neste processo evolutivo, vem se comunicando pela imagem, desde as pinturas rupestres, pelo som, também da língua falada, pela dança/gestos/toques físicos, sutis e “virtuais”, pela grafia/escrita, desde a pictórica, ideográfica, fonética, alfabética até os atuais “emoticons”. Este movimento de expressão e comunicação da humanidade se manifesta diferentemente nas pessoas de cada lugar brasileiro, enraizando-as nas suas origens e recriando-as na busca da *sobreVIVÊNCIA* e *TRANScendência*. Como este processo vem acontecendo em cada lugar brasileiro? Que saberes da biodiversidade e diversidade cultural étnico-racial brasileira estão sendo preservados na ação alfabetizadora? Quais os desafios a superar na alfabetização de jovens, adultos e idosos no *REconhecimento* destes como sujeitos deste processo histórico? Como o processo de alfabetização das PESSOAS se coloca a serviço da VIDA? Que VIDA? Movimento? Energia? Tensão? Impulso criativo?

VER, EXPRESSAR, COMUNICAR e TRANSFORMAR no lugar para trocar, tecendo a rede.

PGM 3 A Língua Portuguesa/português brasileiro e a linguagem matemática em movimento

Vamos debater, nesse programa, a origem e o desenvolvimento da Língua Portuguesa de Camões, Vieira e Fernando Pessoa à Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) e a marca cultural do português brasileiro, num país latino-americano multilíngüe indígena, afro-descendente e que utiliza LIBRAS, que se expandiu além do Tratado de Tordesilhas e afirmou-se para além de Pombal. Como este português brasileiro se faz presente em cada lugar? Como se fala? Como se escreve? Que influências faz do português brasileiro uma língua VIVA? Até quando? Qual o sentido de afirmar esta língua como identidade brasileira num país multilíngüe de um mundo planetarizado?

A origem e desenvolvimento da linguagem matemática é uma permanente conquista humana, nascida da experiência, da percepção e da observação da lógica dual-binária-dialética da natureza, rumo à noção de totalidade alcançada, inicialmente, na “trindade-três”, dispondo-se, hoje, de sofisticados e rápidos cálculos, por vezes de valores virtuais, produzidos somente com auxílio de computadores. O que motiva as contas? O que motiva os sistemas de medidas? O que motiva as formas geométricas? Por que contar as distâncias e os tempos? Por que contar valores de mercadorias? Para que e como se usa a linguagem matemática para resolver os problemas das pessoas e dos grupos de cada lugar (por exemplo, as medidas agrárias de cada lugar)? Quais as contas e cálculos que interessam ao povo de cada lugar? Qual o sentido de assumir a(s) lógica(s) da linguagem matemática?

VER, EXPRESSAR, COMUNICAR e TRANSFORMAR no lugar para trocar, tecendo a rede.

PGM 4 Alfabetização e leitura do mundo para transformá-lo

Qual a atualidade da contribuição de Paulo Freire em Pedagogia do Oprimido, da Esperança e da Autonomia? Dialogicidade e Conscientização para além do cognitivo é ação transformadora, de que, em que, de quem? Qual a relação entre o Círculo de Cultura e a organização política em rede de pessoas e de organizações, também em

ambiente virtual multimídia? Como a ação alfabetizadora se constitui em iniciação à leitura do mundo para transformá-lo, a serviço de quem? Qual o sentido da leitura do mundo, precedendo a palavra? Que “palavra-ação”? VER, EXPRESSAR, COMUNICAR e TRANSFORMAR no lugar para trocar, tecendo a rede.

PGM 5 Experiências de Alfabetização de pessoas jovens e adultas “em movimento”

Considerando que o problema do analfabetismo é histórico-estrutural na sociedade brasileira, assume-se como imprescindível, na conjuntura atual, a ação conjunta da sociedade organizada (movimentos sociais) e do Estado, para garantia da alfabetização como direito à educação básica de pessoas jovens, adultas e idosas.

Tomando o princípio do exercício da parceria com autonomia, existem diferentes experiências de ação alfabetizadora de iniciativa dos movimentos sociais populares, do poder público municipal e/ou estadual e da própria parceria entre movimentos sociais e poder público. Que lições pode-se tirar da superação de conflitos pelo exercício da cooperação com autonomia no Movimento dos Sem Terra – MST, MOVA-Brasil, Central Única dos Trabalhadores – CUT, Movimento de Mulheres, Movimento de Afro-brasileiros, Movimento Indígena, Movimento dos Pescadores, Movimento das Pessoas com Necessidades Educativas Especiais – PNEE e outros? Como divulgar as experiências exitosas, qual a ação alfabetizadora residual em EJA?

VER, EXPRESSAR, COMUNICAR e TRANSFORMAR no lugar para trocar, tecendo a rede.

Referências Bibliográficas

ANGELIM, M. L. P. Modelos flexíveis de educação/ensino: possibilidades e limites. In: ESTEVES, A. P. & OLIVEIRA, G. D. (orgs.) *Educação a distância – experiências universitárias*. Rio de Janeiro: UERJ, Centro de Tecnologia Educacional, 2001.

ANGELIM, M. L. P. *Educar é descobrir – um estudo observacional exploratório*. Dissertação de mestrado. Brasília: Universidade de Brasília, 1998. 2v.

BARBIER, R. *A escuta sensível na abordagem transversal*. In: BARBOSA, Joaquim Gonçalves (coord.). **Multirreferencialidade nas ciências e na educação**. Revisão da tradução de Sidney Barbosa. São Paulo: EdUFSCar, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. *Relatório Delors*. Brasília: UNESCO, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação/SEEA. **Programa Brasil Alfabetizado** 2003. Disponível em: www.mec.gov.br/alfabetiza

BRASILINA. In: Transcrição vídeo *Educar é descobrir*. Direção Laura Maria Coutinho (1986). Brasília: NUTEL/GDF, 1985.

COUTINHO, L. M. *Ver e Rever Educação*. Dissertação de mestrado. Brasília: Universidade de Brasília, 1998.

D’AMBROSIO, U. (org.). *Declaração dos fóruns de ciência e cultura da Unesco: Veneza, Vancouver, Belém. Carta da transdisciplinaridade*. Brasília: Editora UnB, 1994. (Coleção Textos Universitários)

D’AMBROSIO, U. *A era da consciência: aula inaugural do primeiro curso de pós-graduação em ciências e valores humanos no Brasil*. São Paulo: Ed. Fundação Peirópolis, 1997.

FARAH, R. M. *Integração psicofísica – o trabalho corporal e a psicologia de C. G. Jung*. São Paulo: Robe Editorial, 1995.

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. *Pedagogia da Esperança – um reencontro com a Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

GOSWAMI, A. REED, R. & GOSWAMI, M. *O universo autoconsciente: como a consciência cria o mundo material*. Tradução de Ruy Jungmann. 3 ed. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 2000.

GrupoCTAR. **Outra educação a distância é possível: comunidade de trabalho/aprendizagem em rede (CTAR)**. Anais V Encontro Internacional Virtual EDUCA – Forum Universal de las culturas. Barcelona, 2004. www.virtualeduca.org

JUNG, G. C. *Psicologia do inconsciente*. Tradução de Maria Luiza Appy. Petrópolis: Vozes, 1980.

LÉVY, P. *A inteligência coletiva – uma antropologia do ciberespaço*. Tradução Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Loyola, 1998.

PEARCE, J. *O fim da evolução - reivindicando a nossa inteligência em todo o seu potencial*. Tradução de Marta Rosas. São Paulo: Cultrix, 2002.

PINEAU, G. *A autoformação no decurso da vida*. 1998. Disponível em: www.cetrans.futuro.usp.br

SANTOS, M. *Brasil 500 anos D.C. – O país distorcido*. In: *Folha de São Paulo-Caderno Mais*, 02.05.1999.

SILVA, A. (1966) *Ensaio para uma teoria do Brasil*. In: **Ensaio sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira**. v. 1. Lisboa: Âncora, 2000.

SWIMME, B. *O universo é um dragão verde - uma história cósmica da criação*. Tradução de Rubens Rusche. São Paulo: Ed. Cultrix, 1991.

Link na internet

Observatório da UNESCO-Inclusão educacional e tecnologias digitais/Área:
Alfabetização de Jovens e Adultos www.fe.unb.br/areas/alfabetizacao

Comunidade dos Países de Língua Portuguesa: www.cplp.org

A influência das línguas estrangeiras, indígenas e africanas no Brasil:
www.linguaportuguesa.com.br

Site da Língua Portuguesa: www.portugues.com.br

NOTAS

1 Professora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, Mestre em Educação pela UnB/Grupo Lattes “Aprendizagem, Tecnologias e Educação a distância”. Consultora desta série.

SALTO PARA O FUTURO / TV ESCOLA

WWW.TVEBRASIL.COM.BR/SALTO